



Voz em off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou Renata Araújo, coordenadora do programa Somos Muitas! e estou aqui hoje com Luciana Viegas.

Luciana Viegas é autista, mulher preta e mãe do Luís e da Elisa, formada em pedagogia, atua como educadora popular e inclusiva desde 2014. Em 2020 decidiu criar o Instagram Uma Mãe Preta e Autista Falando, para falar sobre o seu diagnóstico de autismo tardio, a vida de uma mãe preta neuro divergente. É ativista da luta anticapacitista e antirracista e idealizadora do movimento Vidas Negras com Deficiência Importam No Brasil. Foi eleita D-30 Disability impact List pela Diversability em 2022.

Luciana, muito obrigada por estar aqui com a gente, é um imenso prazer te receber neste podcast. Eu já vou começar então perguntando para continuar essa apresentação que eu acabei de fazer, você mesmo terminar, fala para a gente quem é essa Luciana por trás de tudo isso que você vem desenvolvendo e fazendo.

Luciana Viegas: Obrigada, Rê, pelo convite. Estou muito grata, feliz e honrada de estar aqui.

Toda vez que alguém me faz essa pergunta eu não consigo responder porque é aquilo, a gente é o que a gente pode ser, igual o meme. Não o que a gente quer.

Porque eu sou uma mulher negra, sou autista, hoje eu tenho mais certeza do que eu sou quando eu tinha 10 anos atrás. Eu sou uma mulher negra, sou autista, sou mãe do Luís que é um menino autista não oralizado, mãe da Elisa que não tem deficiência, mas é uma menina negra.

Me perguntando assim o que de fato eu sou, o que de fato represento. Acho que para mim, na minha cabeça eu sou uma pessoa que está lutando para um mundo mais justo, que está pensando em uma sociedade mais justa. Mas o que eu represento faz muito sentido para mim, diz muito sobre quem sou também, essa pessoa que luta por um mundo mais justo, mas que também é mãe, é professora, é esposa e tenta ser tudo isso. A gente até brincou que eu não sei como dou conta e acho que não dou conta mesmo. Sorteio na roda da vida, o que eu vou ser essa semana? Essa semana eu vou ser uma boa mãe, essa semana vou ser uma boa ativista, essa semana eu vou ser uma boa pesquisadora, uma boa professora. Então tudo isso compõe o que eu sou. Mas também constrói e faz parte do processo também aceitar as derrotas.

Para além de tudo isso eu também trabalho como influencer e brinco que sou uma desinfluencer, porque não tenho medo de colocar e expor nas redes as derrotas também. Porque às vezes dá errado, às vezes é triste mesmo. A gente quer fazer uma coisa, não deu certo, as vezes a gente não está legal.

Então eu construo essa rede segura em que a gente pode ser quem a gente quer ser, quem a gente gosta de ser. E por que eu gosto tanto de reforçar isso? Porque durante muito tempo eu não pude ser quem eu era, não pude dizer para você: “ai, Rê, eu sou isso”. Eu não dizia, só falava que era uma pessoa. Acho que eu nunca tive percepção sobre quem eu era, isso nunca passou da minha cabeça. Isso vem quando eu entendo que sou autista e recebo o diagnóstico de autismo dos meus filhos. Sou tudo isso, mas também não sou muita coisa. Tenho a noção de que o que sou não é muito, apesar de ser importante, eu entendo que só sou porque sou coletiva. Porque somos. É mais ou menos isso a minha ideia.

Até brinco com um amigo meu que eu não sou muito importante, e esse lance da importância é porque de fato, às vezes, a gente tem uma dimensão maior do que a gente de fato é. Tenho tentado e retomado isso sempre em mim.

Essa pessoa que é tudo isso, que é mãe, autista, que é professora, que é ativista, que foi eleita, foi premiada (um prêmio internacional) não é nada também. Tem dias que me dou o direito de também só ser uma pessoa, existir, porque aí já é muito para mim durante muito tempo esse pequeno direito de só existir. Sempre tinha que ser 10 vezes a mais, mil vezes a mais que os outros, mil vezes melhor, 10 vezes melhor. Hoje, para mim, o direito é sobre “hoje eu só quero desistir”, “hoje eu quero ter uma inteligência mediana”, “hoje eu não quero ser inteligente, eu quero só viver e ser insignificante”, então tudo bem para mim não significar, não ter sentido naquele momento, não ter uma grande

essência, um grande pensamento, um grande insight, uma grande reflexão. Eu só quero existir, só quero estar aqui quietinha, porque isso também me foi negado durante muito tempo.

Mas voltando a pergunta, não consigo colocar em algum tipo de palavra sobre quem eu sou porque sou tudo isso, mas durante muito tempo não sabia que era tudo isso. Eu acreditava que a minha essência, o que eu era, era a partir do que o outro achava que eu era. Então uma coisa que aprendi é que hoje, eu tenho o direito, a vontade, a firmeza de poder olhar para você e responder o que sou com convicção. Isso não aconteceria há dez anos atrás, um exemplo básico. Sou resistência também dentro desse ambiente, mais ou menos isso que sou.

Renata Araújo: Mais ou menos não. É mais. Ainda bem, até porque como você mesmo se auto definiu, você é uma ativista e ser uma ativista transforma a vida de várias outras pessoas.

Me conta um pouco sobre o seu ativismo. Você tanto na luta anticapacitista quanto na luta antirracista, como vê o desenvolvimento dos seus projetos com base no seu ativismo, essa transformação do ativismo em projetos?

Luciana Viegas: Nunca foi sobre mim. Acho que meu ativismo começa aí. Nunca me denominei ativista. Hoje falo que eu sou ativista, mas isso não foi uma coisa que falei: “vou ser ativista”, não foi uma coisa planejada. Nasci dizendo: “eu queria ser coreógrafa famosa e rica porque sou bonita”, era isso

que queria ser na minha vida. Mas não deu, não rolou, parece que alguns fatores impediram que isso acontecesse. Ter nascido pobre, ter nascido negra e ter nascido uma mulher com deficiência. Mas brinco que o ativismo vem para mim como coletivo, como uma ânsia coletiva.

Quando descobri que sou autista, passei durante dois anos o processo do meu diagnóstico um completo silêncio, lidando comigo dentro desse processo. Aí há um determinado momento em que descubro que sou autista e vou para as redes para tentar descobrir se encontro pessoas como eu, normal quando você está diante de uma situação muito desconhecida, você vai para as redes tentar ver se outras pessoas estão passando o mesmo que você. E quando eu vou para as redes lá no autismo, descubro que não existem pessoas autistas negras falando dessa perspectiva.

Isso me pegou um pouco, aí fiz o Instagram “Uma Mãe Preta Autista Falando”, um nome enorme, é um texto, mas ele é porque precisava.

Primeiro, foi um jogo de comunicação, marcar os nomes para quando as pessoas procurassem, elas achassem ali e eu conseguisse encontrar as pessoas que também estavam experienciando esse tipo de situação: ser uma pessoa negra, autista no Brasil. E aí o meu Instagram virou um lugar de desabafo mesmo, de como tenho vivenciado esse processo do diagnóstico e do pós diagnóstico. Recebo muitas mensagens de mulheres negras neuro divergentes, negras autistas falando que se sentiram representadas. Querem ouvir mais o que eu tinha a dizer e que também passavam pelo mesmo que colocava ali nos

textos. Quando recebo essas mensagens, percebo que existe um denominador comum entre eu e essas mulheres. É uma coisa de gênero mesmo. Eu e outras mulheres negras começamos a nos olhar, tinha alguma coisa coletiva ali e esse coletivo que unia.

Primeiro, eu não tinha me atentado à cor das mulheres que me procuravam. Quando eu começo a olhar com olhar mais crítico, percebo que todas as mulheres que sofreram violências dentro de consultórios, que foram desvalidadas, desconsideradas, deslegitimadas dentro do seu diagnóstico de autismo ou de qualquer outra neuro divergência, são mulheres. Meu sinal vermelho começou a levantar aí, então são mulheres negras, o que eu vou fazer em relação a isso? Entendo que é uma questão de raça e classe porque todos nós somos da mesma classe.

A partir desse momento, começo a receber relatos. Os relatos sobre a minha deficiência começam a alcançar espaços onde começo a receber relatos de pessoas com outras deficiências, com o denominador comum, negras, contando que a experiência delas é parecida com a minha. Cada um dentro da sua deficiência, vem vendo a violência a partir da complexidade da sua deficiência. A partir desse momento que recebo outros relatos, entendo que é coletivo.

Não sei se eu mudei a vida das pessoas, não sei se as pessoas mudaram a minha vida, mas a partir desse momento eu nunca falo sozinha, não falo

sozinha, não trago só a minha história. Ela deixa de ser uma dor individual e passa a ser coletiva.

E aí a gente cria o movimento “Vidas Negras com Deficiência Importam”, que inicia no meu Instagram “Um Mãe Preta Autista Falando”, mas toma um caminho, um corpo que não é meu. Apesar de ser a cara do “Vidas Negras com Deficiência Importam”, do debate e da luta ativista do movimento negro com deficiência aqui no Brasil. Ele não é meu, esse corpo não é meu. Eu emprestei a minha cara e a minha vida a essa luta, mas ela não é só minha, não pode ser só minha e ela não é só minha.

Impactou que mudou completamente a minha vida, mudou completamente a forma como eu enxergo. Foi ali no “Vidas Negras...” que entendi que não sou ativista, eu fui colocada no lugar de ativista, me deram esse nome porque o ativismo de verdade que movimenta as bases. A gente não se denomina ativista, a gente é visto como ativista, a gente é presenteado e entregamos a nossa vida a essa causa. A gente entrega a nossa vida a luta por direitos. Também não vou ser hipócrita aqui de dizer assim: “eu sou uma pessoa muito altruísta, tudo é pelo coletivo”, não. Tem um medo profundo dentro de mim que faz eu levantar todos os dias e atuar onde atuo dentro do movimento negro, tentando conversar com os dois movimentos que é o menino que está tomando banho agora na minha casa chamado Luis. Um menino negro, autista, não oralizado, morador em uma favela e que em algum momento, tão certo quanto a morte dele, sei que ele será parado pela polícia e uma das coisas que

faz com que me mova para esse lado da educação. Tentar educar a sociedade, é fazer com que meu filho seja parado pela polícia e o policial tenha o entendimento de que ele é uma pessoa negra, mas que ele não é bandido, e que ele possa ter tempo de dizer que ele não fala. É muito duro isso, então essa é a minha mobilização, essa é minha luta, acho que não é sobre violência policial. É sobre racismo mesmo, e de que nós, pessoas negras, temos o direito de ser diversas.

Ao mesmo tempo em que a minha luta toca nesse ponto muito dolorido que é, estou aqui, uma mãe, lutando pelo direito do filho de ser diverso. A minha luta também toca no ponto de que para além de todas essas outras violências de forma mais pragmática no Brasil que a gente vive, também quero que meu filho tenha orgulho de ser quem é. Eu também quero que o meu filho possa ter orgulho de dizer que ele é autista ou de expressar o autismo dele. Isso é uma das coisas que me movem muito, além do coletivo, além da luta coletiva, tem essa luta pessoal que o Luís tenha orgulho de ser quem é. Que a minha filha, uma menina negra também, tenha orgulho de ser quem é, não queira alisar o cabelo dela, não queira fazer qualquer tipo de alteração estética por não se sentir bonita, não se sentir pertencente. E que a gente tenha uma sociedade mais justa e igualitária.

O meu ativismo ele vai nessas duas lutas, é muito difícil tentar conciliar os dois movimentos, conciliar quem eu sou também nesse processo, mas ele está aí, ele tem acontecido. Eu estou há doze anos no ativismo, mas há três específico

dentro da luta do movimento negro com deficiência e ele mudou a minha vida. Não consigo mais identificar em que momento eu mudei a vida das pessoas ou em que momento as pessoas mudaram a minha vida, porque as pessoas mudaram a minha vida. O relato daquelas pessoas, o relato dos meus irmãos no VNDI, mudou a minha vida. Eu não consigo mais dormir em paz enquanto houver racismo e capacitismo, não dormirei tranquila e espero que outras pessoas a partir da minha fala também não durmam tranquilas e se unam a nossa causa.

Renata Araújo: Dentro de toda a sua vivência, principalmente da condução de projetos, qual a interseção que você faz em relação, não sei se você já chegou a pensar, na questão da elaboração de projeto culturais que abarquem essa questão do autismo e do movimento negro.

Luciana Viegas: É muito complexo, porque por exemplo, a gente tem que ter um olhar importante para a questão cultural acerca da acessibilidade porque ela possibilita o acesso. Só que não são só as pessoas com deficiência que não tem acesso a cultura, as pessoas negras também. O acesso à cultura que estou dizendo é a possibilidade de também produzir cultura, porque o povo preto também produz cultura, o povo com deficiência também produz cultura.

O que eu percebo é que a gente tem uma dificuldade imensa de acessibilizar espaços culturais independentes, porque assim, a população negra deu um jeito, alguma forma de fazer a cultura, a produção cultural surgir de alguma forma independente. Entretanto, fisicamente, financeiramente é precário o

acesso a esses espaços, porque são espaços com pouco recurso, com pouco acesso. Ele não vai chegar na população negra com deficiência que também quer estar nesses lugares. Então para mim a gente precisa começar repensar a acessibilidade mais para além, a acessibilidade que não pense só em rampas e libras. Acessibilidade como tornar acessível, tornar possível o acesso, a entrada, a oportunizar o espaço, oportunizar a expressão cultural das pessoas negras e das pessoas negras com deficiência e das pessoas com deficiência, porque aí sim eu consigo entender que a cultura passa a ser universal para todo mundo. Ela não é ainda quando a gente tem a maior parte dos teatros sem intérprete de libras, ela não é acessível, cinema sem intérprete de libras, sem acessibilidade. Entender a importância da acessibilidade no processo cultural é entender também que ela é possível.

Semana passada eu vi uma publicação nas redes sociais que falava sobre o cinema a R\$1,90, o cinema estava lotado. Quando você entende a importância da intersecção nesse caso de classe, aquela redução do valor do cinema possibilitou que estivesse lotado. Quando você olha a foto é de pessoas negras, porque elas conseguem ocupar esses espaços também.

Eu olho para o debate da cultura, mas para um debate de pensar a acessibilidade de forma plena, tornar possível, para todas as pessoas, todos os espaços. E aqueles espaços que não são acessíveis, a gente vai fazer se tornar, como se acessibilidade fosse um princípio fundamental para a sociedade poder acessar a cultura, produzir cultura, porque parece que a pessoa com deficiência

não produz. Ela produz cultura. Como ela vai produzir cultura se a forma de se fazer cultura não é acessível também? A forma de se construir o que a gente pode pensar sobre acessibilidade. Leio dentro desse olhar, apesar de não ser a minha base de pesquisa, de estudo, mas ouvindo outros irmãos, companheiros, que são produtores culturais, eles falam muito incansavelmente sobre acessibilidade.

Renata Araújo: Me diz uma coisa, toda essa sua fala traz para a gente também, muito forte a questão das relações, porque é se relacionar, se relacionando que vai se perpetuar o racismo, o capacitismo e ao mesmo tempo é se relacionando que a gente vai combater isso. Então, acho que você tem uma fala muito potente sobre as relações. O que você enxerga e como você entende as relações agora juntando essas duas lutas suas?

Luciana Viegas: A minha luta começou na relação, a relação que eu queria ter com outro, a relação de pertencimento, a relação de ver o outro. Para mim, por exemplo, toda essa luta, esse movimento e também essa construção política que a gente faz, não dá para acontecer se eu não tiver relação. Ela não acontece porque, afinal, eu acredito muito que a gente só inclui quando a gente se afeta. Não dá para a gente falar de relação, se a gente não falar de afeto, de amor, de pertencimento. O afeto pode ser muita coisa, como o amor e o carinho, mas também pode ser ódio, porque afeta e incomoda. O ódio gera política e é político, assim como o afeto, que para além disso mobiliza ao ponto da gente incluir ou excluir uma pessoa, seja ela com ou sem deficiência.

Só pensamos em inclusão a partir do afeto. As relações para mim são fundamentais. O primeiro ponto que eu questiono, é a forma como a gente se relaciona. Eu sou autista, a minha relação é 0 típica e normativa, não é igual, não dá para ter qualquer tipo de relacionamento comigo se a pessoa não entender que ela vai ter que virar a chave e eu talvez não vá corresponder ao que uma pessoa corresponde em um relacionamento. Eu não entendo essas relações, não fazem muito sentido porque são cheias de subjetividade, de “eu falo uma coisa, mas eu quero dizer outra”, isso não faz sentido para mim, mas eu entendo que estou falando na posição de uma pessoa autista, que se relaciona completamente diferente com todas as pessoas.

Outro ponto que eu acho importante é que quando a gente questiona a forma que nos relacionamos, incluímos pessoas como eu. Então quando a gente entende a importância de estar atento aos detalhes, incluímos as pessoas com deficiência ou sem deficiência e pessoas que não estão dentro de um padrão normativo de relação. É muito importante esse processo.

Um caminho possível que eu acho que podemos pensar, é como vamos incluir as pessoas com deficiência? Incluir pessoas como eu a partir da relação e do afeto. E como que eu penso isso? Através de amigos com deficiência, namorados, namoradas, namorades com deficiência, é preciso ter tesão nessas pessoas, aí sim você vai sentir afeto. Se você não tiver isso, você não consegue se relacionar e incluir, porque você não inclui o que você não se relaciona. A gente tem vivido isso durante esse tempo, esses anos e esses meses e só

conseguimos parar para pensar quando passamos por um processo de uma pandemia violenta. Começamos a repensar a forma das nossas relações, vimos a importância de um abraço, de uma ligação, de um te amo a partir do momento que vimos muitas pessoas indo embora sem dar tempo de dizer. Então, eu entendo que nós voltamos desse processo da pandemia completamente diferente, eu voltei diferente, as pessoas que foram diretamente afetadas também voltaram diferente, por quê? Porque estamos no processo de entender a importância do abraço e a importância de estar no lugar com pessoas sem máscaras e andar livremente sem se preocupar com o podemos pegar no meio da rua. Isso se deu porque tivemos uma relação direta com a morte e com o medo.

Eu sinto que voltamos da pandemia um pouco mais corajosos, porque enfrentamos o medo, mas no sentido de não ter medo de ter medo, a sensação que eu tenho é essa. Então, a relação passa por tudo, o afeto passa por tudo e não tem como pensarmos em uma sociedade mais justa se a gente não trazer afeto e amor, se a gente não pensar em esperança. É necessário, urgente e difícil. Como diz o Emicida, tem uma frase que eu gosto muito: “a gente não sabe o que morre primeiro no fim do mês, se é o dinheiro ou a nossa esperança”, ele fala isso. Mas a gente tem que levantar e andar, é isso, tem que colocar ali o desespero, o medo no bolso e levantar e seguir. Isso é muito importante para o processo da inclusão.

Surreal como a relação também passa da inclusão e do afeto pela forma como tentamos ou desistimos de um afeto. Então, vou dar um exemplo básico, o que eu estou falando parece maluquice, mas não é. Quando somos professoras de uma pessoa com deficiência, tentamos incansavelmente incluir aquela pessoa no processo, a gente tenta e tenta e tenta, porque criamos afeto e nos afetamos por aquela realidade. Eu tinha dois alunos com deficiência em que eles não tinham mobilidade do corpo, era bem reduzida e chegou uma época de eu ser o braço deles. Eu estar perto deles e saber que o clima tinha mudado, eles não estavam felizes, estavam tristes porque tinha um afeto e todos os dias, durante 200 dias letivos, eu tentei incluir aquelas crianças. Dias eu consegui, dias não, mas cada dia que eu não conseguia, voltava e tentava de novo. Isso só era possível porque tinha afeto. Se eu não fosse afetada por aqueles alunos, eu não ia tentar incluir, se eu não fosse afetada pelo meu filho, eu não tentaria incluir. As pessoas com deficiência passam por esse processo, os nossos amigos ou quem nos rodeia só pensa em acessibilidade porque tem relação com a gente, quem não tem, não pensa.

Renata Araújo: Não pensa mesmo, é um olhar que foge da realidade, a maioria das pessoas, e isso a Isa Meireles também fala bastante, a maioria das pessoas só vão entender, principalmente a questão de mobilidade, de acessibilidade nesse contexto quando envelhece. E é engraçado isso porque todos nós estamos sujeitos a lidar com questões de acessibilidade, pela velhice que seja.

Luciana Viegas: Ou quando tem filhos também, por exemplo. Eu lembro que quando eu tive meu filho, é muito engraçado isso, é só quando você sai daquele padrão egóico, mas quando você tem um filho e aí você vai andar com o seu filho na rua, você tem que ter carrinho, e aí que você se toca o quanto a calçada não é acessível. Pelo menos foi ali que eu me toquei, eu fiquei: “gente, mas como as pessoas cadeirantes vão andar aqui?” Eu tenho que dar a maior volta no quarteirão, levantar meu filho no carrinho para poder passar, imagina uma pessoa cadeirante. Então é exatamente isso, ou quando a gente vai ficar velho, automaticamente reduzimos a mobilidade, mesmo quando estamos em uma situação que você fala: “caramba”.

Renata Araújo: Não só mobilidade, visão, audição.

Luciana Viegas: Sensorial também.

Renata Araújo: É complicado. Enfim, agora assim, você deu uma aula para a gente sobre vários aspectos e pontuou vários desafios também na sua fala. Dentro desses dez anos, doze, já que você está de luta com as questões do ativismo, você pode já escrever e elencar conquistas? Quais as conquistas que você pode contar para a gente?

Luciana Viegas: Para mim eu acho que as conquistas coletivas do movimento negro são importantes e outra coisa pessoalmente que eu acho importante, foi o quanto o coletivo cura. O ativismo nem sempre é uma coisa fácil de lidar, às vezes a gente se frustra muito, estamos aí tendo que lidar com muita coisa.

Mas o coletivo cura, quando a gente dedica a nossa luta pelo coletivo e os nossos, em algum momento, olha para a gente com um olhar, com um carinho, com um afeto: “irmã, eu te amo”. Você sabe que é de verdade. Então as coisas coletivamente curam. Uma das minhas falas é que a luta coletiva salva, porque ela me salvou, eu não sei onde eu estaria na minha vida se eu não estivesse lutando e com gente do lado, porque lutar sozinha também é muito frustrante, a pandemia veio aí, a luta sozinha é muito frustrante. Outra conquista que entendo ser uma conquista é o quanto o movimento de pessoas com deficiência se organizam de uma forma tão bonita a ponto de você ter pessoas que inspiram e respiram luta e que estão ali no front combativos, a ponto de no meio de uma pandemia organizarem a mobilização em live de maior alcance, em meio a uma pandemia, contra as escolas especializadas, que é uma prática de exclusão das pessoas com deficiência. Isso para mim foi muito emocionante, porque eu tenho a sensação, e eu lembro a sensação que eu senti, quando li o decreto que regulamentava. Eu não dormia, chorava sozinha, cada um lidando com a própria dor. E aí no grupo do movimento de pessoas com deficiência, todo mundo estava acordado comentando, tudo o mais, ninguém dormiu naquela noite, lembro demais, aquele 30 de setembro de 2020 ninguém dormiu. E aí todo mundo chorando, a gente se deu o direito de chorar por uma noite. No dia seguinte estávamos nos organizando como íamos fazer a mobilização online de maior respeito. A gente ia alcançar e nos organizamos durante 30 dias para que o decreto fosse derrubado e ele foi, ele foi suspenso.

Então isso foi uma coisa muito bonita para mim de encontrar. E a fala que eu fiz no STF, que foi uma fala coletiva, como fala que eu finalizo e fiz o movimento negro de pessoas com deficiência, foi muito emocionada porque aquilo significava muito para a gente. Então, essas conquistas, essas pequenas conquistas que vão acontecendo e vamos aprendendo a ficar feliz com o pouquinho mesmo, porque é uma trajetória muito complexa. Posso olhar para você e dizer tranquilamente: vale a pena.

Tem um momento da votação que a gente diz: “eu vou largar isso, não quero fazer isso nunca mais na vida, eu não preciso disso”, a gente finge que é a Rochele, eu não preciso disso, meu marido vai ter dois empregos, não quero saber. E aí paramos, respiramos cinco minutos, voltamos e falamos: “não, mas a gente vai voltar, vai lutar, a gente vai seguir” e aí a gente volta, segue, luta e segue em frente. Quando vem a positiva, quando a nossa luta tem um efeito e ela acontece e aquilo que a gente estava propondo dá certo, vale muito a pena. Valeu a pena no decreto suspenso, valeu a pena as lutas por direito no movimento negro, tem valido a pena nesse momento. Então para mim essas conquistas são muito importantes, porque vale a pena quando a gente chega. O VNDI está indo depois dessa trajetória toda de luta, estamos indo para a ONU fazer uma incidência histórica sobre deficiência e raça. Isso é muito importante para mim e para o movimento, para pensarmos coletivamente que estratégias a gente vai usar no ano seguinte. Então, a gente não caminha sozinho, temos projeto, um horizonte e isso para mim é uma perspectiva de

futuro e de esperança. É muito importante também falar sobre sonhos. Eu sonho alto junto com os meus, a gente sonha em uma sociedade em que tenha políticas públicas para as pessoas com deficiência, políticas reais para pessoas negras, políticas públicas para pessoas negras com deficiência. Se eu vou ver isso, eu não sei. Pode ser que não, mas eu estou feliz de tentar pelo menos trilhar esse caminho, de tirar o matagal da frente para que o meu filho futuramente possa ser e dar continuidade, e assim o filho dele e assim seguir, porque foi assim que os nossos ancestrais fizeram. Vou citar Emicida novamente, ele fala que nós somos filhos dos nossos ancestrais, eu sou filho do meu pai que sonhou e que é filho do sonho dos meus ancestrais. É isso, a gente é filho, a gente não nasce sozinho e não carrega a luta sozinho, então para mim já é conquista eu estar aqui hoje sabendo que meus ancestrais sonharam comigo hoje aqui. Isso já é uma conquista que vale e todo o resto vale a pena.

Renata Araújo: Você falou aí sobre ancestrais, eu vou aproveitar o gancho e perguntar sobre as influências. As mulheres, principalmente que influenciam, que influenciaram, que são referências para você da sua ancestralidade também, conta para a gente quem são essas mulheres.

Luciana Viegas: Eu sou uma mulher negra, criada ao olhar de um homem preto retinto. Meu pai era porteiro, então minha primeira referência é ele. Não consigo pensar em nenhuma outra referência que não o meu pai para pensar em raça, em ativismo, em afeto. O meu pai sabia afetar as pessoas através da comida, através do olhar. O meu pai era uma pessoa que dava afeto, eu

descobri que isso era uma questão para homens negros, sobretudo retintos. E com meu pai não, meu pai me beijava, me acordava todo domingo fazendo piadinha, sem graça mesmo, era todo domingo a mesma piada, mas era o afeto, meu pai comprava um pão para a gente e chegava com o pão quente, fazia a gente acordar para levantar para comer, para saber como foi a nossa noite. Eu o perdi com 23 anos e, durante 23 anos ele ligava na rádio um pouquinho antes da meia-noite e pedia para tocar uma música para mim, à meia-noite. Durante 23 anos eu virava a noite, acordava meia-noite e ouvia, só ia dormir no dia do meu aniversário quando eu ouvia a música que o meu pai tinha dedicado para mim. Então ele sempre foi a minha referência de afeto, fazia isso muito melhor do que eu, até brincava comigo. Um tempo antes de ele falecer, brincou que eu era muito revoltada, que eu tinha que ser mais calma, mas eu brincava que eu era a revolta que ele não podia ter, e aí eu tinha por ele. Ele foi uma das pessoas na minha vida que é muito importante, até hoje, meu pai é uma pessoa muito importante na minha vida. Eu sinto uma falta imensa de às vezes sentar, chorar e conversar. Não por coincidência, ele foi criado por mulheres negras fortes, que são a minha avó e a minha tia. Só tinha mulher na família, era muito engraçado que ele falava que até a passarinha que ele comprou era mulher, as sobrinhas eram mulheres e só tinha mulher, então não tinha homem. E mulher preta didática, aquela didática da mulher preta. Minhas tias foram pessoas completamente importantes para mim porque também me ensinaram, não só de forma oral, mas me ensinaram

através do olhar. Eu aprendi com elas, eu entendia elas e eu percebi durante muito tempo porque minhas tias são tão legais, são tão importantes, são tão raras e elas estão sozinhas, isso era um aprendizado, isso era um ensino. Minha tia durante muito tempo dizia para mim: “a culpa do racismo não é sua, essa culpa não é sua, as pessoas são racistas, não se sinta assim”. Então essas minhas referências vêm primeiro dos meus ancestrais diretos, meu pai, minha família e até então eu sou uma pessoa negra lidando com o racismo. Quando eu cresço e me torno uma mulher negra, aí sim eu vou aprender com as referências, com a teórica e com as autoras negras, leio Lélia Gonzales e percebo que elas não diferem em nada do meu pai e das minhas tias. A diferença é que elas me dão nome para coisas que até as minhas tias e meu pai não tinham. Elas me dão nome, me dão norte, me dão identidade. Minha identidade enquanto mulher preta, que hoje eu reafirmo o tempo todo porque é importante para mim, mulher preta e autista, ela vem com as autoras negras, então Lélia, Angela Davis, Bell Hooks, Sueli Carneiro, são autoras negras que faz com que eu identifique todo o processo que eu passo ou dê nome, automaticamente me dê uma identidade, um pertencimento. Mas sobre esse processo de racialização, ele acontece dentro da minha família, então a minha referência mescla, ela é flexível dentro desses espaços, sou de uma família preta e também sou uma pessoa que tem referência dentro da academia com autoras negras.

Renata Araújo: Maravilhoso compartilhar esses momentos com você aqui. Eu poderia ficar conversando com você horas e eu acho que os ouvintes do podcast também ficariam com a gente, mas tem que acabar em algum momento e está chegando o nosso momento de acabar. Para fazermos essa despedida de forma afetuosa, como aprendemos aqui com você, eu vou dar a fala para você se despedir, mas essa despedida não é só uma despedida, ela também vai ser uma dica, para você dar para quem está ouvindo, seja para nossas participantes do Somos Muitas, seja para os ouvintes, público que está acompanhando esse conteúdo produzido pelo podcast Somos Muitas 2022, mas algo que você gostaria que tocasse o coração das pessoas e transformasse a vida delas.

Luciana Viegas: Nossa, que missão! Uma missão impossível. Eu acho que o que eu tenho para dizer para finalizar é que eu quero que as pessoas repensem a forma como elas têm tratado seus afetos. Porque eu quero que as pessoas entendam a importância de repensar os seus afetos, se dentro do seu círculo de afetos tem pessoas negras, dentro do seu círculo de afetos tem pessoas com deficiência, e se tem, qual é o olhar que você tem a essas pessoas. O olhar de dó, é um olhar de que ainda bem que ela está aqui porque assim eu posso me sentir uma pessoa melhor, porque eu sou em termo e ela é mais ou menos, ele é pela metade. Qual é o olhar que você tem para os seus afetos e se tem pessoas nos seus afetos que são pessoas com deficiência. Se você olha para as pessoas com olhar de afeto, se você olha para essas pessoas com olhar

humano. Repense a forma como você tem sido afetada pelo seu meio, repense a forma de quais afetos o seu meio tem construído em você. Não só olhar as pessoas, mas olhar a forma como as pessoas têm se relacionado com você, a forma como as pessoas tem te influenciado, tem te afetado, o que é seu e o que é o outro que carrega para você, quais ideias são suas e quais ideias são do outro, quais olhares são meus e quais olhares são o que o outro diz que eu posso ser. O que eu não posso ser? Nossa essência, pelo menos para mim, é inegociável, porque é lá, naquela essência, que a gente encontra, é lá onde todo mundo quer a paz, onde todo mundo quer a justiça, onde todo mundo quer o amor, onde todo mundo quer o respeito, faz parte da nossa essência. E às vezes a gente é interpelado por uma série de olhares e pensamentos que não são nossos, mas tomamos como nossos, porque precisamos nos sentir incluídos também em algum espaço. Então, que as pessoas repensem mesmo quais são os seus afetos, quais olhares são seus, quais olhares não são meus, quais pessoas eu me relaciono, como está meu círculo de amizade, como está meu círculo de convívio e o que esse círculo tem interpelado sobre mim e me influenciado. É isso. No mais eu agradeço muito a participação, o convite de vocês, agradeço quem me ouviu até aqui, sou muito grata por ter escutado tanta gente, então eu fico muito feliz e honrada de ter sido chamada por esse podcast, espero que seja a primeira de muitas vezes.



Renata Araújo: Muito obrigada a você e a todos que estão ouvindo o nosso podcast Somos Muitas! 2022, acompanhe os nossos próximos episódios e até a próxima.

Voz em off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.